

SOU UM CORPO OU TENHO UM CORPO?

José Augusto Rodrigues dos Santos (*)

Resumo

Para os espiritualistas o corpo é um mero invólucro da alma, sujeito à corrupção do tempo e finito como realidade biológica. Para os filósofos espiritualistas, a alma, é a dimensão importante do ser, a expressão imortal do ser e por isso escapa da inexorabilidade das leis biológicas. Com este ensaio, pretendemos analisar o valor ontológico do corpo e da alma, à luz, quer dos postulados espiritualistas quer da lógica materialista.

Palavras-chave: Corpo. Alma. Dualismo. Materialismo. Espiritualismo.

Abstract

For the spiritualists body is a mere shell of the soul, subject to the corruption of time and finite as a biological reality. For the spiritualist philosophers, the soul is the most important dimension of being, the immortal expression of being and so it escapes to the inevitability of biological laws. With this trial, we intend to analyze the ontological value of body and soul, over the light of both the spiritual tenets or the materialistic logic.

Keywords: Body. Soul. Dualism. Materialism. Spiritualism.

O corpo é a entidade ontológica fundamental. É o substrato genésico da alma que sem ele não existe. A alma é a expressão mais conseguida do corpo; é a força motriz que permite o corpo voar para lá da sua funcionalidade biológica. A alma permite o corpo ultrapassar os limites da sua materialidade, mas depende exclusivamente da existência desse corpo material.

Pode-se afirmar que corpo e alma são duas expressões complementares do ser e que a inteireza inquebrantável dessa união só é cindida com a morte. A morte separa aquilo que nasceu uno. O ser, desde a fecundação, individualiza-se numa expressão biológica que comporta em si o advento da alma como referência ao ser na sua unicidade. A morte, permite a permanência do corpo nas suas partículas mais ínfimas, mas, inexoravelmente, conduz à destruição da alma que mais não é que a expressão sublime desse corpo.

(*) Professor Associado com Agregação Faculdade de Desporto. Universidade do Porto, Rua Plácido Costa, 91 4200-450 Porto – Portugal. Email: jaugusto@fade.up.pt.

Aceitamos o espírito como a dimensão mais elevada do ser. Contudo, esse espírito dimana do corpo e só a esse corpo diz respeito. A finitude do corpo como realidade biológica pressupõe o fim incontornável da alma. Contudo, o fim do corpo como realidade biológica permite a continuidade do corpo como realidade material, melhor dito, o corpo, após a morte continua imutável como realidade atômica e quântica.

Para Manuel Patrício (2013), existe um eu para lá do corpo que o exprime. Este insigne pensador cristão defende o conceito radical “eu tenho um corpo” em detrimento de outro conceito, também em si radical, e que assevera “eu sou um corpo”.

Para todos os espiritualistas o corpo é o recipiente perecível da alma e se o devemos tratar com deslevo é para permitir a máxima exaltação dessa essência etérea e incognoscível que serve de substrato a todos os dogmas religiosos. Aristóteles estabeleceu a entelúquia como essência da alma, conceito que expressa o sentido de interioridade de toda a realização ontológica. O ser realiza-se a partir de causas internas que determinam a passagem das potencialidades a ato. O espírito, a alma, realiza-se através das realizações do corpo. Numa perspetiva antropomórfica a disjunção corpo-alma pode ser evidenciada, por assimilação, na própria análise das escrituras que servem de suporte ao cristianismo. Segundo Máximo, o Confessor (580-662), citado por Paulo Horta (2009), “A Sagrada Escritura é como um ser humano. O Antigo Testamento é o corpo, o Novo Testamento é a alma, e o sentido do que ali está é o espírito”. Esta visão reducionista das Escrituras coloca, a pairar sobre a alma e o corpo, o espírito que se subentende como o sentido unificador de toda a mensagem divina. A impossibilidade de negar o corpo, a premência da corporeidade como realidade tangível que se vai alterando no decurso do tempo, não se constituiu como obstáculo à possibilidade do corpo se reerguer triunfante sobre o fechamento da morte, em ressurreições vitoriosas que prometem céus imaculados e recompensas múltiplas que justificam todas as fugas à lógica biológica desse mesmo corpo.

Quando a referência não é o homem real, natural, mas sim a idealidade do homem, todos os desvios filosóficos são possíveis. Mas, procuremos perscrutar a radicalidade dos conceitos tendo como referência o Homem como absoluto axiológico e por isso enriquecido pelas roupagens da cultura e dos valores. O acervo cultural e as determinantes axiológicas criam um campo genésico para toda a elevação espiritual. Cultura e valores funcionam como pano de fundo para as mais conseguidas manifestações humanas, aquelas que

permitem o homem superar os limites estreitos da sua incontornável fisicidade. O corpo pode ser superado não negado. A superação da materialidade do corpo é a sua máxima potenciação através da alma que de si provém.

A história do homem está tocada pelo sortilégio que lhe permitiu ultrapassar os limites estreitos da sua realidade biológica e lhe abriu perspectivas imensas de realização através da criação de um mundo mental que cobriu o planeta com a angústia da interrogação. Esse mundo etéreo que Teilhard de Chardin e Vladimir Vernadsky denominaram noosfera (Levit, 2000) tem uma incontornável e premente base material consubstanciada no homem e nos problemas levantados com a reconstrução da biosfera no sentido de se ajustar às necessidades da espécie humana que passou, a partir de determinado momento, a poder agir conscientemente sobre o envolvimento físico e, por isso, a reger o planeta. A noosfera, o mundo do espírito, concretizado ou não em objetos materiais, é o complemento natural da biosfera. O logos como emergência do bios. A alma como emergência do corpo, concretizando a teleonomia, ou seja, o projeto intrínseco que assiste à evolução dos primeiros conglomerados proteicos que deram origem à vida tal qual se conhece.

Que estranho mistério permitiu a criação do espírito, da alma, a partir da matéria? Podemos recorrer à noção de Deus para justificar esse mistério. Na religião Indiana, Krishna sustenta que Deus reside em cada partícula de matéria ou vida; para a religião Cristã, Deus está em toda a parte e por consequência em toda a realidade material. Também Manuel Patrício, na sua ordenação axiológica, coloca os valores religiosos como o corolário de toda uma axiologia educacional. Recorrendo à muleta heurística de vários pensadores, criticando-os por vezes, Manuel Patrício parte dos valores práticos e chega aos valores religiosos depois de passar pelos valores hedonísticos, valores estéticos, valores lógicos e valores éticos (Barros Dias, s/d). Para M. Patrício “Deus é o princípio moral supremo, e a obediência suprema ao dever é a obediência a Deus. Deus é o princípio fundamental de toda a existência humana” (Barros Dias, s/d). Embora evadido de um humanismo tolerante, Manuel Patrício afirma-se como um puro idealista e a partir dessa posição se justifica o seu aforismo “Eu tenho um corpo”.

A muleta teológica, para aqueles que a ela recorrem, ajuda e resolve, definitivamente, o mistério da emergência da alma no corpo mas não evita a interrogação

filosófica recorrente que levanta, sem responder, a questão do princípio primeiro. Na procura de solução para a pergunta primordial ciência e religião encontram-se, de igual forma, sem armas heurísticas impermeáveis à razão crítica. Apesar de a descoberta do bosón de Higgs ter trazido alguma consistência material ao mundo subatômico, a determinação física desta elusiva partícula, mais que respostas absolutas transportou-nos para um novo mundo mais carregado de interrogações que de certezas.

Malgrado a evolução tecnológica que nos permitiu perscrutar a matéria e a energia para lá dos limites da física de Newton, continuamos desprovidos de instrumentos hermenêuticos que interpretam o supremo mistério do universo e por consequência da vida e do homem. Por isso continuamos, titubeantemente questionantes, especulando sobre o primado do espírito ou da matéria pouco avançando em relação aos nossos mestres gregos. As questões fundamentais, tão antigas quanto a humanidade, continuam sem resposta satisfatória. Quem somos? Onde vimos? Para onde vamos? A ciência tem-nos ajudado a abrir algumas portas do mistério que integramos mas as portas fundamentais continuam fechadas. Vivemos num universo em constante transformação em que a morte e renascimento de sistemas estelares nos abrem a possibilidade real de se terem criado, ou vir a criar, mundos idênticos ao nosso. Malgrado a possibilidade estatística da existência de mundos símiles ao nosso continuam a pairar, sobre as nossas mentes imperfeitas, as nuvens de desconhecimento que aquelas perguntas capitais comportam. E mesmo que novos mundos, com formas de vida idênticas à nossa, sejam descobertos, nada nos esclareceriam sobre o mistério da vida e do universo.

As perguntas genésicas acompanham o devir da humanidade desde os seus primórdios e, na impossibilidade de respostas cabais, derivaram na disjunção que separa o espírito da realidade material que o determinou.

Desde muito cedo, a evolução filosófica da humanidade esteve condicionada pelo antagonismo ontológico que separa o corpo da alma, dando primazia a um ou outro em função do fluxo cultural de cada época.

Demócrito (Russell, 1972) intuiu que a realidade indivisível (átomos) que constituía toda a matéria se estendia também à alma, o que prenunciava a assunção da alma como expressão de um corpo e vice-versa. Só muito mais tarde a física quântica ultrapassou os

limites de indivisibilidade expressos na doutrina do atomismo que constituiu um forte elemento propulsor de toda a ciência (Gossin, 2002).

Com a sua alegoria da caverna, Platão (1956) tentou enganar-nos, colocando em contraponto o mundo sensível ao mundo inteligível. Platão queria estes dois mundos como realidades antagônicas. O mundo inteligível, o mundo das ideias, o mundo superior, só seria percebido através da razão enquanto os sentidos seriam instrumento suficiente para ter acesso ao mundo material. Este logro filosófico marcou indelevelmente a cultura ocidental e só muito tarde se conseguiu assimilar a espiritualidade à materialidade, o mundo sensível ao mundo inteligível, como expressões diferenciadas e complementares de uma mesma realidade. Isto apesar de subsistirem, e em força, veja-se o fundamentalismo evangélico que vinga principalmente na América do Norte, as teorias espiritualistas que separam corpo da alma e veem esta como a expressão superlativa do ser continuando a lógica filosófica platónica. Para Platão o corpo é o cárcere da alma e, por isso, um obstáculo à realização da verdadeira sabedoria. O corpo, sede dos sentidos, é permeável à ilusão e ao erro. Só a alma vislumbra o verdadeiro saber e pode aceder ao supremo patamar da sabedoria que permite o convívio com o mundo das ideias. Através da sua teoria da reminiscência, Platão acreditava que as ideias são eternas e que o ser é mero recetáculo passageiro dessas ideias universais. Acreditava na transmigração das almas (Teoria da Metempsicose) que anulava, *ab initio*, qualquer possibilidade de evolução. Para Platão o universo foi criado pelos deuses com todas as almas no seu lugar. Cada nascimento originava a recolha da alma que lhe correspondia desde o início do tempo. A um corpo finito correspondia uma alma imortal que, após esgotamento físico do corpo que a encerrava, mantinha-se livre e alodial para ir dar sentido a corpos vindouros. Eis a síntese do mais puro idealismo que marcou fortemente a filosofia ocidental.

Aristóteles (s/d) embora mais generoso, continua a laborar na disjunção, separando o corpo da alma e afirmando que é a alma que dá forma ao corpo. Embora reconheça o papel do corpo e dos sentidos na formação do conhecimento estabelece uma hierarquia espiritual (alma vegetativa, alma sensitiva e alma racional) que privilegia determinados graus de liberdade ou movimento que elevam a alma a princípio gerador de todos os seres vivos.

Tomás de Aquino, na sua Suma Teológica (2003), bebendo filosoficamente em Aristóteles, ganha uma dimensão material para a alma que lhe permite dar forma substancial ao corpo; é a alma que dá sentido e unidade ao corpo fazendo-o depender do seu comando. Para Aquino, o corpo assemelha-se a um escravo sem liberdade que é regido pelos ditames da alma. A independência da alma em relação ao corpo, secundariza o corpo como mero efector dos projetos de animação da alma, pois só esta tem a faculdade exclusiva da manifestação superior, ou seja, intelectual. Impregnado de uma profunda fé religiosa, Tomás de Aquino, que foi santo para a igreja católica, apostólica e romana, procurou dar ao corpo um comando eficiente que o permita aproximar-se de Deus. Tal desiderato tem a própria paixão de Cristo como referência. A morte e ressurreição em Cristo não foi mero fenómeno de espiritualidade. Para a igreja católica, a ressurreição de Cristo comportou a animação do seu corpo anulado, através de uma alma libertadora. Ambos, corpo e alma, elevam-se aos céus recuperando um equilíbrio *post-mortem* que funciona como mensagem redentora para toda a cristandade. Através do exemplo de Cristo, o corpo acompanha a alma no seu processo de redenção. Por isso, para Aquino, o corpo não é o invólucro insuficiente que os platónicos reduziram em importância ontológica mas sim o factótum duma *anima* que procura merecer o seu regresso ao convívio espiritual e físico com Deus.

Para Santo Agostinho (Pessanha, 1999) a imortalidade da alma e a perecibilidade do corpo reduzem a importância ontológica e teológica deste em detrimento daquela. A alma, na sua viagem terrena, enegrecia-se em pecado ou lavava-se em virtude preparando a eternidade no gozo ou sofrimento. Para este santo da igreja, o percurso de existência humana está perpassado por uma tensão constante de procura da verdade que se encontra no interior do ser e que desemboca em Cristo. Para Santo Agostinho o homem é uma alma que usa um corpo, ou seja, é fundamentalmente alma embora reconheça o corpo como realidade incontornável. “Porque o homem não é só corpo ou apenas alma, mas é constituído de alma e corpo. Esta é a verdade: a alma não é todo o homem, mas é a melhor parte do homem; o corpo não é todo o homem, mas a porção inferior do homem; quando as duas estão juntas temos o homem” (Agostinho de Hipona, 2006). Tocado pelo idealismo platónico, embora reconheça o corpo como entidade criada por Deus, Santo Agostinho não consegue ultrapassar o idealismo platónico e secundariza o corpo na exacerbação ontológica da alma.

De uma forma geral, o corpo nunca foi bem tratado pelas religiões que viam nele o veículo por excelência de todos os desvios morais. Quase todas as religiões assumiam ou assumem o corpo como motor de desvios ao reto caminho moral que só podem ser corrigidos através de penitências e mortificações. Para a religião cristã medievá o corpo, como recetáculo de pecado, teria de ser periodicamente purificado através de rituais de expurgação que permitiam a limpeza espiritual e a conseqüente elevação da alma. O Espírito Santo, através das suas chamas purificadoras impregna a alma do pecador de um fluxo de pureza que o céu exige. A catarse penitencial é a forma mais conseguida de aproximação ao Espírito Santo.

Sem corpo não existe ser. Contudo a pergunta fundamental é formulada: - O corpo eleva-se em espiritualidade ou o espírito toca-o como manto diáfano de irrealidadetranscendental em algum momento da sua construção?

O problema parece de pormenor mas encerra posições filosóficas senão antagónicas pelo menos difíceis de harmonizar. Ao assumir-se que se tem um corpo pressupõe-se que existe alguém ou algo exterior ao seu próprio corpo. A dimensão espiritual humana como algo a pairar sobre os constrangimentos da materialidade corporal.

Eu, que sou, supõe-se por abstracção, uma entidade puramente espiritual acedo a reconhecer um corpo pelo qual me represento e manifesto.

Esse corpo que tenho faz parte de mim embora eu o veja como um acrescento à minha essência mais pura – a minha espiritualidade, que é aquela inefável expressão que me permite o contacto com os deuses e os outros espíritos.

A minha dimensão sagrada, embora não rejeite, pelo menos olha com muita desconfiança a materialidade do meu corpo porque é através dele que me conspurco nas lamas ctónias da realidade imoral. O corpo como veículo de todos os pecados.

Eu, que aspiro ao inefável da mais pura espiritualidade, não posso ser contaminado pelas pulsões de um corpo pecaminoso que me arrasta inclemente para as profundezas de todos os infernos.

Foi na recusa do corpo como entidade material que os santos e mártires de todas as religiões se alcandoraram ao patamar supremo de espiritualidade e transcendência que lhes permitiu o convívio com os deuses e a salvação da alma. Para os supremos espiritualistas como Vitor Hugo (Brasil, 1965), o corpo é uma prisão em que a alma permanece livre para

a filosofia. A alma que filosofa, para se manter saudável, deve tornar o corpo são (Pascal, 1960). Ou seja a visão higienista de um corpo subordinado aos ditames da alma.

No seu “Purgatório”, Dante Alighieri(2003) canta a divina gênese e a divina finalidade da alma:

Sai da mão de Deus que a contempla
 Antes de criá-la como uma criança
 Que chora e ri sem verdadeiro motivo
 A alma ingênua que tudo ignora
 Exceto quando, movida pelo desejo de retornar a Ele
 Segue de bom grado o que a diverte.

Para os defensores do mais estreme espiritualismo, o homem é, antes de tudo, projeto divino e só depois realização temporal. A implicação de Deus na gênese do homem através da alma reduz a dimensão ontológica do corpo rebaixando-o a mero recetáculo do espírito.

Mas não, o corpo não é recetáculo de algo que o transcenda, o corpo é alma. Eu não tenho um corpo, eu sou um corpo que é uma alma. Eu sou, para o bem e para o mal, simplesmente um corpo, e toda a minha espiritualidade nasce dele, cresce dele, atinge o zênite através dele. A alma é uma produção do corpo, construída a partir da forma como esse corpo cresce, amadurece e fenece. A alma é uma excrescência do corpo; sublime excrescência que o justifica em sentido, mas só isso, o que já é muito, ou tudo, para quem se consegue elevar da lama ou pó genésico. É assim mesmo, o corpo manifesta-se através da alma que cria. Mesmo na mais grosseira materialidade manifestam-se os eflúvios duma alma que rompe os cercos do seu constrangimento corporal.

O sentido da minha alma é a realização do corpo que sou e que se dissolverá nos átomos, prótons, neutrões e bósons que se organizaram de feição particular para um dia eu ter sido. A alma que construí, através de ser e viver o meu corpo, morrerá um dia sem apelo nem agravo, sem metempsicoses perpétuas, sem locais idílicos para onde emigrar, enquanto o meu corpo, porque integrante dessa realidade imensa que é o universo, através das partículas atômicas e subatômicas que lhe deram feição, ficará disponível para novas vidas ou ausência delas mas sempre pertencendo, imortal, a esse realidade que começou com o *bigbang* e que permanecerá até à implosão desse momento iniciador se for esse o sentido de evolução da realidade tal qual hoje a conhecemos.

Acredito na imortalidade do corpo como rampa de lançamento de novas viagens cósmicas que têm o mistério ou a poesia como meta referencial. O corpo, ou seja, a matéria e energia que o constituem, dissipa-se em miríades de partículas que só bem recentemente tiveram comprovação científica. Essa disjunção material abre imensas possibilidades de reutilização e reorganização, fazendo respeitar a 1ª lei da termodinâmica que restringe as trocas de energia entre um sistema e o seu envolvimento, impondo a conservação da energia total. Na natureza bem como no universo, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Tudo não, há uma exceção – a alma. A alma, como emergência do corpo, é um prolongamento da realidade material que a consubstancia mas não sobrevive a essa materialidade genésica. Dissipa-se no éter, sem deixar rastro, com a desorganização terminal do corpo como realidade una. Recusa-se assim todo o idealismo que procura anular ou desconsiderar a realidade material. Alinhamos ao lado de Nietzsche (Ecce Homo, 2008) quando afirma:

Subtraiu-se à realidade o seu valor, o seu sentido, a sua veracidade, na medida em que se inventou o mundo ideal... O «mundo verdadeiro» e o «mundo aparente» - em vernáculo: o mundo fictício e a realidade... A mentira do ideal foi, até agora, o anátema sobre a realidade, a própria humanidade foi por ela falsificada e viciada até aos seus mais profundos instintos – até à adoração dos valores contrários àqueles com que lhe estaria garantida a prosperidade, o futuro, o sublime direito ao futuro.

O mundo ideal não pode substituir a realidade material da qual dimana. O mundo das ideias não sobrevive ao ser que pensa; esgota-se com o ser enquanto realidade vivente.

Ao ser um corpo, ao contrário de ter um corpo, dá-me a segurança da liberdade plena para ser e olhar a morte nos olhos, sem temor ou fatalismo, pois ela cumpre o sentido do meu viver libertando-me para a realidade cósmica da qual derivo. Tal segurança impele-me a viver a vida que me calhou, o melhor possível, sem dramas ou recusas, aberto a tudo e principalmente a mim, na procura do absoluto de mim que devo partilhar com os outros, também corpos que são, para lá das almas que os enformam. O corpo sintetiza todas as dimensões humanas e é fonte e recetáculo de toda a sabedoria.

Ouçamos Nietzsche (1978) acerca da sabedoria do corpo.

Tu dizes «eu» e orgulhas-te desta palavra. Mas há qualquer coisa de maior, em que te recusas a acreditar, é o teu corpo e a sua grande razão; ele não diz Eu, mas procede como Eu. Aquilo que a inteligência presente, aquilo que o espírito reconhece nunca em si tem o

seu fim. Mas a inteligência e o espírito quereriam convencer-se que são o fim de todas as coisas; tal é sua soberba. Inteligência e espírito não passam de instrumentos e de brinquedos; o Em si está situado para além deles. O Em si informa-se também pelos olhos dos sentidos, ouve também pelos ouvidos do espírito. O Em si está sempre à escuta, alerta; compara, submete; conquista, destrói. Reina, e é também soberano do Eu. Por detrás dos teus pensamentos e dos teus sentimentos, meu irmão, há um senhor poderoso, um sábio desconhecido: chama-se o Em si. Habita no teu corpo, é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na própria essência da tua sabedoria. E quem sabe por que é que o teu corpo necessita da essência da tua sabedoria?

Este filósofo da cultura, erroneamente conotado com o niilismo do terceiro reich, ultrapassa todas as dicotomias que atravessam a história do pensamento humano, e tenta encontrar a síntese que recoloca corpo e alma nos seus devidos lugares no âmbito da filosofia. Para Nietzsche, o homem não é espírito nem matéria, mas totalidade corporal que congrega as forças que correspondem à expressão da vida. Na linha das minhas reflexões, e ao contrário de todas as perspectivas idealistas, Nietzsche não aceita o inatismo do espírito, nem o considera uma dimensão superior alheia à corporeidade humana; o espírito é uma frágil construção humana e que ganha a dimensão da sua humanidade através de um processo auxológico com profundas determinantes sociológicas.

Posso considerar a alma como realidade imaterial, como fogo existencial que por vezes aquece e vivifica a minha vida, outras a incendeia e destrói. Só que esse fogo não dimana do éter, consubstancia-se pela cintilação, pelo brilho de um corpo que funciona como fogueira primordial.

Hoje, nem mesmo os mais extremos defensores do idealismo materialista consubstanciado no mistério cristão (ressurreição física e espiritual de Cristo) conseguem negar a pressão do corpo como realidade. Na encíclica, *Deus Caritas Est*, Bento XVI (2005), tentando determinar uma solução moral para a pressão dos instintos, valorizando o *eros* numa perspectiva de cura, exaltando o carácter dicotómico do ser humano, afirma:

«...a constituição do ser humano, que é composto de corpo e alma. O homem torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue esta unificação. Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animal, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e conseqüentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza».

Posso especular sobre a origem interna ou externa da alma mas já não posso esconder a premência incontornável da minha corporeidade. Pretendeu-se encontrar no cérebro humano o locus específico para acomodação da alma. Segundo Descartes (1997), seria a glândula pineal (hipófise) o *locus* corporal através do qual a alma se ligava ao corpo. Esforço infrutífero. Debalde se procurou a sede corporal da alma, pois a alma irradia em todo o corpo e qual eletrão em volta do núcleo paira sobre ele como nuvem repleta de significados que dão sentido à existência. Existir, é sempre a expressão de um corpo que se orienta através da alma na turbulência do viver.

O corpo consubstancia a alma que se realiza em projetos que transcendem a dimensão da sua corporeidade. Esse desiderato magnífico não pode nunca fazer esquecer que as mais elevadas construções humanas têm sempre o corpo como locus primordial de toda a excelência ontológica.

Elevamo-nos nas mais fulgurantes transcendências através da alma que é corpo. Temos de regressar sempre ao corpo que é onde todo o milagre acontece (Vergílio Ferreira, 2011). “Não existo eu mais o meu corpo: sou um corpo que pode dizer “eu”. (Vergílio Ferreira, 2011).

Eu sou um corpo que se diz embora o dizer esteja penetrado de complexidade, de zonas obscuras de significação que arrastam o eu para os campos justificadores e normalizantes do mito. No mito todas as interrogações são respondidas o que contrasta com a nudez do homem perante a sua impossibilidade de se dizer em absoluto. O ser, o eu, a alma, porque emerge do corpo que a objetiva não se pode dizer completamente porque está tocada pela incompletude genésica que não permite responder à questão fundamental: Quem sou eu?

Para além de todas as dúvidas filosóficas o corpo impõe-se-nos de forma quase ditatorial em diálogos imagéticos quotidianos que nos arrastam para os lúgubres escaninhos da senescência ou para os límpidos alvares da saúde.

Aquilo em que se tem mais vaidade é o corpo. Mesmo que aleijado, há sempre um pormenor que nos envaidece. Compô-lo. Arranjá-lo. O careca puxa o cabelo desde o cachaço ou do olho do cú para tapar a degradação. O marreco faz peito. O espelho é para todos o grande dialogante... Uma mulher perfeita (e um homem) não inveja o intelectual, o artista. O inverso é que é. Muitas mulheres (e homens) cultivam a excecionalidade do seu espírito ou engenho por complexo ou vingança. Quando se não tem já vaidade no corpo, está-se no fim.... A degradação do corpo é a última coisa que se aceita (Vergílio Ferreira, 1980).

O corpo faz nascer o ser. Através do corpo o universo ganha de si consciência e consegue-sedizer em poesia.

De Um e de Dois, de Todos

Sou o espectador o ator e o autor
Sou a mulher o marido e o filho
E o primeiro amor e o derradeiro amor
E o furtivo transeunte e o amor confundido

E de novo a mulher seu leito e seu vestido
E seus braços partilhados e o trabalho do homem
E seu prazer em flecha e a fêmea ondulação
Simples e dupla a carne nunca se exila

Pois onde começa um corpo ganho eu forma e consciência
E mesmo quando na morte um corpo se desfaz
Eu repouso em seu cadinho desposo o seu tormento
Sua infâmia me honra o coração e a vida. (Paul Eluard, 1977)

Não podemos fugir da premência do corpo que mesmo na mais fria clausura se nos impõe incontornável. E do corpo emerge a mente como processo completamente despido dos constrangimentos do dogma. Ouçamos António Damásio (2005): “Aquilo a que chamamos mente é uma coleção de processos biológicos. E, dado que estes processos são físicos, a mente é necessariamente um processo físico”.

No entanto, a física que justifica a mente não é a mesma física que compreende uma pedra, uma cereja ou um livro. A mente, ou seja a alma, é estruturada biologicamente e mesmo incapacitados de a apreender completamente como processo biológico complexo nada nos permite o refúgio no regaço justificador do dogma. Uma inteligência reta e proba deve assumir os seus demónios de incompletude e viver com um módico de desconhecimento sobre o corpo que se faz mente, melhor dito, sobre o corpo que é mente antes ainda desta se manifestar em toda a sua plenitude.

Somos eternos não como espírito, como mente ou como alma mas sim como corpo. O homem é corpo e espírito em simultâneo e, qualquer tentativa de separar o inseparável, atenta conta a unidade do ser, essa inteireza inquebrantável que nos torna unos e únicos. Não podemos permanecer incólumes no corpo que somos já que este se renova a cada momento. Na assunção de uma forma exterior que se reconhece idêntica, o meu corpo

renova-se constantemente. A regeneração permanente do corpo é acompanhada pela alma que desenvolve ou bloqueia a sua capacidade adaptativa. A ditadura de cronos atinge o corpo inexoravelmente conduzindo-o ao seu lógico fenecer. É missão da alma acompanhar o seu inseparável companheiro ajudando-o a descobrir novos sentidos de realização. Aí sim a alma cumpre a sua missão mais importante. Criada a partir de um corpo que fenece pode dar àquele o *élan* de vitalidade que lhe foge. A alma, porque se sabe corpo em diminuendo, pode criar os mundos de realização que se adaptem à funcionalidade desse corpo fugidio. Só que muitas vezes a alma é traidora e permanece em efervescências juvenis apesar do corpo lhe fazer negaças. Enquanto o ser biológico vai perdendo paulatinamente a sua capacidade de se renovar, o ser espiritual pode permanecer intensamente vivo criando mundos e metas de realização que ultrapassam a capacidade de autorregeneração do corpo.

Eis-me fragilizado perante os espiritualistas. Então aceitas que a vitalidade da alma pode sobreviver à degenerescência do corpo? Então aceitas a alma descondicionada do corpo que a comporta? Respondo sim à primeira questão, não à segunda.

Sim, reconheço que a alma tem a capacidade de nortear a nau do corpo quando este começa a deixar entrar água pelos interstícios do travejamento. Sim, a alma pode conduzir o corpo senescente a um porto seguro que lhe permita ancorar longe das tempestades. O papel diretor da alma é fundamental para orientar um corpo que se vai progressivamente reduzindo em função. Só que esse *élan* que mantém a alma voando, lúdica e lúbrica, por sobre a degeneração do corpo advém-lhe do próprio corpo que, ao investir-se convenientemente no decurso da vida, criou uma reserva de energia que se consubstancia na alma e que permite o ser afirmar-se pleno e pletórico de força, mesmo quando a biologia tende a fenecer. Podem as células corporais perder a sua capacidade de renovação mas as experiências físicas, mentais e emocionais acumuladas, concretizadas numa alma viva, perduram indelévels, evitando que o ser se contamine com a degenerescência do corpo.

Contudo, a alma não sobrevive ao corpo que a construiu. É desiderato de todos os espiritualistas acreditar na capacidade de evasão da alma do invólucro material que a consubstanciou. Só na fé, só no dogma, se pode concretizar tal hipótese.

Não posso esconder a minha incapacidade de compreender, em termos cósmicos, o sentido da vida. Não sei de onde venho, não sei para onde vou, mas sei o que sou. Não compreendendo em absoluto a flecha do tempo sei, acredito que sei, que a minha vida é um

ponto único nesse fluir inexorável. Localizo-me no meu tempo procurando não o sentido da vida mas um sem número de sentidos que me justifiquem a existência. Não sei quem sou mas procuro, cada dia, desvendar um pouco mais de mim. Sei que sou parte intrínseca da natureza material mas que a parte mais interessante de mim escapou da inexorabilidade das leis biológicas. Embora natureza, acrescentei-me em cultura que é aquilo que me permite as interrogações primordiais. Sei que sou animal e sou homem que mais não é que o animal sublimado. Sei que sou um ser racional, o *homo sapiens*, embora muitos dos meus comportamentos e ações fujam do crivo do tribunal da razão. Sei que a razão e a loucura que me caracterizam são indissociáveis na minha condição de ser. Não sei se a vida humana é um acaso no universo ou uma possibilidade com várias expressões plurais. Não sei se o fim anunciado do sistema estelar a que pertencemos será o fim da humanidade. Não sei se a corrupção do tempo conduza à desintegração do ser. Mas sei, acredito que sei, que o futuro cósmico do humano será a sua desintegração nas partículas atômicas e subatômicas que o constituem. Sei, acredito que sei, que, malgrado a escuridão que cobre o futuro humano, a matéria que o constitui é imortal e ficará sempre disponível para se reintegrar em novas realidades que tenham o sonho e o espanto como referência. Vergílio Ferreira (1975) afirma que “na profundidade de nós, o nosso eu é eterno, e todavia é justamente o corpo que nos contesta a eternidade”. Discordo, pois na profundidade de nós, o corpo, ou seja a matéria de que a alma emerge, é incontornavelmente imortal.

Morro no mais elevado de mim, morre a minha alma que sufragou em transcendência o corpo do qual dimana, mas não morre o meu corpo que, como matéria e energia que é, fica, após a morte, disponível para se reorganizar noutras formas de existência. Que o meu corpo se reintegre numa pedra ou numa flor é fruto da lotaria quântica que encobre a beleza do incerto.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. *A Cidade de Deus*. 9. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, Brasil, 1999. (Coleção Os Pensadores).

ALLIGHIERI, Dante. *Purgatório – A Divina Comédia*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Versão para eBook a partir da fonte digital (Março 1955) da Atena Editora, São Paulo, Brasil, 2003.

- ANTÓNIO DAMÁSIO. *Relações entre mente e corpo*. <http://oquedizele.blogspot.pt/2005/04/relaes-entre-mente-e-corpo-antnio.html>, 2005.
- ARISTÓTELES. *Da alma*. Introdução e notas por C. H. Gomes. Edições 70, Lisboa, Portugal (s/data).
- BARROS DIAS, J. M. *O Pensamento Filosófico de Manuel Patrício*. Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa. s/d.
- BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Carta encíclica aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos. Às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre o Amor Cristão. Libreria Editrice Vaticana, 2005.
- BRASIL, Jaime. *Vida inquieta e gloriosa de Victor Hugo*. Portugália Editora, Lisboa, Portugal, 1965.
- DESCARTES, René. *Meditaciones metafísicas con objeciones y respuestas*. Tradución del latín por E. Lopez y M. Granã. Madrid, España: Editorial Gredos, 1997.
- GOSSIN, Pamela. *Encyclopedia of Literature and Science*, 2002.
- LEVIT, Georgy. *The biosphere and the Noosphere Theories of V. I. Vernadsky and P. Theilhard de Chardin. A Methodological Essay*. International Archives on the History of Sciences /Archives Internationalesd'Histoire des Sciences, 50(144):160-177, 2000.
- MANUEL PATRÍCIO. *O corpo no Cristianismo*. Conferência proferida na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, aquando da atribuição do Doutoramento Honoris Causa.
- MORIN, Edgar. *As grandes questões do nosso tempo. (Pour sortir du vingtième siècle)*. Tradução de Adelino dos Santos Rodrigues. Editorial Notícias. 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Tradução de M. de Campos. Publicações Europa-América, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Artur Mourão. Universidade da Beira Interior. LusoSofia:press, 2008.
- PASCAL, Blaise. *Oeuvres complètes*. Paris:Seuil, 1960.
- PAUL ELUARD. *Algumas das Palavras*. Antologia organizada e prefaciada por António Ramos Rosa. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1977.
- PAULO HORTA, Luis. *Interpretando as Escrituras*. http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=5984&cod_canal=36, 2009.
- PLATÃO. *O Mito da Caverna*. In: A República (Livro VII). 6. ed. , p. 287-291 Editorial Atena, 1956.
- RUSSELL, Bertrand. *A History of Western Philosophy*. Simon & Schuster (eds.), pp.64–65, 1972.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica I*, 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003.
- VERGÍLIO FERREIRA. *Invocação ao Meu Corpo*. Editora Quetzal, 2011.
- VERGÍLIO FERREIRA. *Conta-Corrente 1*. 1. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.
- VERGÍLIO FERREIRA. *Rápida a Sombra*. 1. ed. Lisboa: Arcádia, 1975.

(Recebido em outubro de 2015; aceito em dezembro de 2015)

